

Bibliografia

DIETRICH, Luís José. *Jó: uma espiritualidade para sujeitos históricos*. Estudos Bíblicos 74 (5^{3 3} 5): 76-43;

Introdução da Nova Bíblia Pastoral;

STORNILO, Ivo. Como ler o livro de Jó – O desafio da verdadeira religião. 4^a ed. Paulus. São Paulo-SP/2005;

Estrutura do texto

Prólogo (1-2)

Primeiro ato: Jó e os três amigos (3-11)

Segundo ato: Jó e os três amigos (12-20)

Terceiro ato: Jó e os três amigos (21-27)

Interlúdio: a Sabedoria (28)

Monólogo de Jó (29-31)

Monólogo de Eliú (32-37)

Quarto ato: Javé e Jó (38,1 – 42,6)

Epílogo (42,7-17)

Alunos/as

Francisco Willian André da Silva
Ivan Siqueira
João Batista
Samila da Fonseca Reis
Uriel David

Professor: Shigueyuki Nakanose

Livro de Jó



O grito do inocente

Literatura Sapiencial

ITESP-2016

Introdução

No meio do jugo da Pérsia, onde a arrecadação de impostos era alto, os pobres, camponeses e outros desprestigiados por este sistema econômico perdiam tudo o que tivera. O sistema religioso, além de tudo, os chamavam de impuros e assinalava que a pobreza era decorrência do pecado pessoal. É nesse contexto que se dar o texto sapiencial de Jó.

E a história é a seguinte: Havia um homem cujo nome era Jó. Era um homem íntegro e reto e , temente a Deus, que se desviava do mal. Vivia na terra de Hus, sul de Edom, e possuía muitas riquezas, era o homem mais importante do Oriente. Tinha 7 filhos e 3 filhas, possuía rebanhos e empregados, era um home rico e abençoado por causa da sua justiça. Certo dia foi colocado a prova e tudo veio a perder. Jó é julgado como injusto por tal maldição.

O livro de Jó é uma ficção histórica, onde o autor ou os autores entrelaçam prosas e poesias em forma de crítica as questões teológicas e sociais da época.



Contexto

O livro de Jó, traz presente a situação dos ex-camponeses que, no violento processo de dominação e exploração desenvolvido durante o império Persa, perderam suas terras e tornaram-se trabalhadores assalariados, semi-escravizados e mesmo escravizados.

A cunhagem de moedas, a popularização de seu uso, pela obrigatoriedade do pagamento dos impostos com moedas, diferenciavam o Império Persa dos anteriores. Os moradores da Judeia não possuíam minas de prata para delas tirar o tributo exigido. Tinham que arranjar o dinheiro para o tributo através da venda de produtos agrícolas.

O tamanho das terras de propriedade das famílias havia sido determinada pela produção necessária para a sobrevivência da família, e não para entregar o excedente ao estado. As moedas de prata e de ouro só podiam ser cunhadas pelo Império Persa. E o imposto que cada proprietário tinha que pagar deveria ser pago com moedas de prata. Para obter o dinheiro necessário tinham que dirigir suas produções para o mercado comercial e não para a sua subsistência. Quem vendia recebia poucas moedas por muito produto, e quem comprava no mercado recebia poucos produtos por muitas moedas.

O tributo é o principal fator de empobrecimento dos camponeses. Muitos perdiam as terras e a própria liberdade por causa disto; tornavam-se meeiros, assalariados ou mesmo escravos.

Enquanto isso, a teologia oficial por trás do sistema do templo exigia uma obediência restrita a lei e aos preceitos que dividiam tudo em puro e impuro, a desobediência ameaçava a ordem social, ou seja, Deus governa a vida social dando fartura e felicidade aos obedientes e justos e castigando, com sofrimento e pobreza os injustos, consolidava-se assim a teologia da retribuição.

O livro de Jó surge dentro deste panorama de crise agrária e consolidação da teologia da retribuição.

Redação

O livro de Jó foi composto durante os anos 500 -350 a.C. Tem como moldura uma antiga lenda popular (Jó 1-2 e 42,7-17), que abre e fecha uma longa discursão de Jó com seus “amigos” e Deus.

O vocabulário e os estilos literários mostram que o livro tem várias camadas redacionais. A primeira (1-2 e 42,7-17) é antiquíssima, e consiste no conto folclórico. A segunda camada, onde se encontra o núcleo do livro, ou seja, o confronto teológico entre Jó e seus amigos e a intervenção de Deus, pode ser datada entre os séculos V e IV a.C. A terceira camada consiste nas passagens com mitos sobre a origem do mundo, também proveniente de fontes muito antigas. A quarta camada é o discurso de Eliú, introduzido no texto por volta do séc. IV a.C. para suavizar o debate entre Jó e seus amigos. A quinta camada está no elogio da sabedoria (Cap. 28), acrescentado entre os sec. III e II a.C. e contemporâneo à compilação dos outros livros sapienciais.

Mensagem

Crítica a teologia marcada pela obediência restrita a lei e aos preceitos que dividiam tudo em puro e impuro. A teologia da retribuição.

Jó é o grito do inocente que lamenta e protesta contra a incontestável justiça divina como uma forma de denunciar o sistema opressor, liberando a imagem do Deus da vida que está do lado dos pobres, da mão daqueles que manipulam sua imagem como sustento de opressão.